

PREÂMBULO

I – INFLUÊNCIA DAS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE ATUAL

As novas tecnologias de informação e comunicação estabelecem significativas e profundas mudanças no dia a dia, seja do indivíduo, das instituições, da coletividade. Tudo isso pari passu ou em consequência ao “estabelecimento de um novo contexto econômico, social e cultural” mundial - a denominada globalização. Ou seja: uma verdadeira e irreversível revolução, atingindo todos os domínios e setores da atividade humana; um novo mundo, a que há que adaptarmo-nos, todos nós, sob pena de estagnação e marginalização existencial.

Paradigmas são, desse modo, quebrados a partir da inevitabilidade da nova onda digital, cada vez mais avançada, como vemos e convivemos em nosso cotidiano. Polemiza-se - e muito! - quanto à eventual predominância da abordagem tecnológica em detrimento da abordagem humanista quando, na prática, a tecnologia é um produto social, um meio e uma alavanca do processo civilizatório – ou seja, um instrumental, como em tantas outras épocas, potencializador e indutor do progresso humano. E, nesse intuito, deve ser entendido e aplicado.

As novas tecnologias de informação e comunicação permitem-nos e forçam-nos ainda a uma indispensável reciclagem evolutiva; transformam-nos as maneiras, o *modus vivendi* de pensar, sentir, agir, mesmo de viver, trabalhar, estudar, relacionar-se. Tornam-nos mais relacionados, social e intelectivamente ativos, cooperativos, interativos, coletivos, tudo por força do conhecimento e exercitação dos meios de conscientização e emancipação, colocados diuturnamente à disposição do homem e da coletividade.

II – CARACTERÍSTICAS DA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

O processo ou modalidade de educação à distância, ora em irreversível implantação, interiorização e expansão, visa “atender as novas e crescentes demandas sociais”, mediante a oferta de cursos e programas educacionais (ensino/aprendizagem) e o emprego de meios e modernas tecnologias de informação e comunicação.

Dessa forma, estudantes e professores desenvolvem atividades educativas em lugares e tempos diversos, dentro de um novo (senão revolucionário) e audacioso processo educacional. Unidos pela tecnologia e formas midiáticas de comunicação, superando distâncias, alunos e professores valem-se de modalidades e mecanismos alternativos de comunicação e interação, com o emprego diversificado de material para a aprendizagem (impressos, audiovisuais, ambientes virtuais, etc).

Outra característica ou ênfase, nesse peculiar processo, reporta-se à autonomia do aluno, como sujeito da aprendizagem. Cabe-lhe ter domínio crítico do conhecimento, a habilidade no processamento e seleção das informações, o exercício da criatividade, iniciativa e envolvimento, competências que são construídas e enriquecidas por uma série de desafios, tomadas de decisões, ações contextuais de fins educativos e de formação cidadã.

A modalidade ou abordagem do ensino à distância induz o aluno, a partir das estratégias propostas pelo professor, à responsabilidade, à edificação do conhecimento em interação e cooperação virtual com as demais pessoas envolvidas no processo. Em suma, aprendizagem pensada, trabalhada, compartilhada com os outros participantes.

A nível local, a partir das experiências conhecidas, observam-se algumas limitações (não sua inviabilidade) quanto à aplicabilidade desse processo:

a) Poucos alunos dispõem de internet domiciliar (por fatores econômicos, culturais, etc);

b) O sistema de internet escolar (“sala de computação”) é parcialmente utilizado, faltando professores específicos para a área, equipamentos por vezes sem manutenção, etc.

Tradição, fé e humildade na Catequese dos anos 70 e 80

Em artigo, o secretário do Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago, Marcus Santiago, “viaja” quase quatro décadas atrás para recontar sobre o Catecismo das crianças naquela época. O processo começa com professoras selecionando pequenos da 3ª e da 4ª série; e terminava com fotos clássicas de lembrança ao lado do Monsenhor Elói.

Pág. 03

Cavalo Campolina: conheça história da raça nascida em nossa região

No século XIX, as experiências científicas de um fazendeiro excêntrico transformaram a criação de equinos no Brasil e no mundo.

Confira, em relatório completo de quatro páginas, tudo o que se sabe sobre uma das raças mais admiradas do mercado produtor atual. E pensar que tudo começou em Entre Rios de Minas!

Pág. 04



Você sabe o que é uma bruaca? Não? Temos a resposta aqui

Mais do que a origem de um dos pratos mais deliciosos da gastronomia mineira, devemos aos tropeiros boa parte do desenvolvimento regional, de profissões ainda exercidas em diferentes comunicadas e até do nosso vocabulário cotidiano.

E quanto à *bruaca*, você pode se surpreender com o real significado dessa palavrinha.

Pág. 08

ADIVINHAS

- 1- Por que a planta não fala quando é pequena?
- 2- Por que o time de basquete contratou um sapo?
- 3- Qual é a semelhança entre o professor e o termômetro?
- 4- O que aconteceu com o ferro de passar roupa que caiu no chão?

Respostas: 1- Porque ela é muda; 2- Porque ele sempre aceita na mosca; 3 - de vez em quando eles dão zero; 4 - ficou passando mal

Provérbios e Adágios

- Enquanto tiver cavalo, São Jorge não anda a pé;
- O falar é de prata, o silêncio é de ouro;
- Foge do mau vizinho e do excesso de vinho;
- Lenha verde pouco acende; quem muito dorme, pouco aprende.

Para refletir

- A mudança não virá se esperarmos por outra pessoa ou outros tempos. Nós somos aqueles por quem estávamos esperando. Nós somos a mudança que procuramos. *(Barack Obama)*
- É apenas com o coração que se pode ver direito: o essencial é invisível aos olhos. *(Antoine de Saint – Exupéry);*
- Um problema é uma oportunidade que você tem para fazer o melhor possível. *(Duke Ellington);*
- Ninguém cometeu maior erro do que aquele que não fez nada só porque podia fazer muito pouco. *(Edmund Burke);*

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira e Mariane Carla Fonseca.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Leticia Stefany dos Santos Santiago

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Leticia Stefany dos Santos Santiago

AO PÉ DA FOGUEIRA O QUARTA-FEIRA

Morador em São Sebastião da Estrela, distrito mais conhecido como Onça, nas imediações de Santo Antônio do Amparo, G. P. mantinha ali sortida e conhecida mercearia, atendendo a população urbana e principalmente a clientela rural. Orgulhava-se dos serviços de entrega domiciliar proporcionados por sua empresa – *delivery*, como fazia questão de apregoar. Mercadorias adquiridas em maior volume ou com carga para determinada povoação, a caminhonete da mercearia entregava, de pronto, sem delongas, por pior a estrada ou por mais difícil ou distante chegar-se à casa do freguês. Mas, por certos desencontros da vida, passou-se, às quartas-feiras, não mais serem entregues mercadorias.

Tipo peculiar da localidade – homem amável no trato, porém temperamental. Embora "maneta" (perdera um braço em um acidente quando criança), era exímio atirador, tendo se desentendido a tiros com desafetos - diz-se até que por causa do curioso e detestável apelido. Na realidade o comerciante, longe de seus afiados e afinados ouvidos, era conhecido como "Quarta-Feira", mas pessoalmente ninguém podia preferir o termo. Era risco de vida. A cartucheira, aliás, estava sempre dependurada e à vista no portal do empório.

Não se sabe porque o bom homem detestava o epíteto. A origem, segundo alguns, é que G. P., quando jovem, era fanático por futebol, obcecado com os treinos e as peladas realizados, geralmente às quartas-feiras, por jogadores locais, no acanhado estádio do distrito. De tanto comparecer e vibrar com as jogadas, acabou por ser aquinhoado com o pitoresco apelido. Se, acaso, assim chamado ou sequer ouvisse o termo, ainda que numa conversa corriqueira, era uma chuva de improperios, ameaças de morte e quem sabe tiros...

Os fregueses, ao procederem às compras com entrega em domicílio, tinham o cuidado de dizer-lhe com todo o cuidado, da forma mais sutil, com o máximo de tato, pisando em ovos:

- São G. P., se puder, o senhor entregue na 3ª ou na 5ª, viu?

Outros mais ousados diziam-lhe:

- O senhor pode entregar entre a 3ª e a 5ª feira...

Mas, ai de quem dissesse, mais diretamente: o senhor entregue na véspera de quinta, no dia posterior à terça... Era briga na certa!

Se falasse "na quarta-feira", era risco certo de tiros...



Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



Catecismo no Cerrado na década de 70/80

A Igreja Católica sempre contou com a colaboração dos leigos na evangelização e catequese de outros irmãos.

Antes da década de 80, o Catecismo acontecia de várias formas, pois não havia um local próprio para Catequese. No Cerrado, a única capela que existia era a de Santo Antônio na Vila Ozanam. Muito pequena, não tinha como acolher todas as crianças para o Catecismo. Mas pessoas de boa vontade cediam suas casas para que pudesse acontecer. No centro da cidade, o ensino religioso era ministrado no Salão Paroquial e no coreto da Praça; no Cruzeiro, no alicerce da Capela de São Sebastião, onde grandes pedras serviam para os catequizandos se assentarem. Por fim, no Cerrado, o Catecismo era ministrado na casa do Sr. Antônio Rosa por sua esposa e catequista, Dona Tereza. Assim crianças do bairro, lá pelas quatro da tarde aos sábados, iam para a casa dela na Rua Henrique Pereira. Previamente, suas filhas organizavam o lar e, depois, os pequenos eram divididos por idade. Uns ficavam na sala, outros no quarto e outros na coberta na horta. Assim o Catecismo acontecia.

Eram sagradas essas tardes e, embora as crianças fossem pobres, as mães faziam questão de que usassem as melhores roupas. Algumas até levavam os irmãos menores ou coleguinhas que moravam perto; e a hora que passavam juntos tornava-se um momento especial de espiritualidade, aprendizagem e partilha. Após o Catecismo havia brincadeiras nas ruas. Nenhuma delas era calçada, mas todas bem varridas pelos seus moradores - e poucos carros passavam por lá.

Já no início da década de 80, as turmas foram organizadas no bairro em três setores: Sopa São José na Vila Ozanam; Capela do Rosário; e salinha da Sopa do Conjunto de Nossa Senhora Aparecida. Com o objetivo de garantir a frequência dos catequizandos nas manhãs de domingo, Monsenhor Elói resolveu criar um "Selo de Presença". As crianças o recebiam quando iam ao Catecismo e, no final do ano, quem tinha mais ganhava um presente.

À época, considerava-se que quem estava na 3ª e 4ª séries na escola tinha maturidade para participar pela primeira vez do Sacramento da Comunhão. As professoras ajudavam a verificar, então, quem ainda não tinha feito a 1ª Eucaristia. Dias depois a coordenadora encaminhava o catequizando. Porém, além da maturidade que se exigia para receber o Sacramento, exigia-se que a criança soubesse "de cor e salteado" os mandamentos da Lei de Deus e da Igreja; as orações cristãs e, sobretudo, o Ato Penitencial.

No final do processo, nem todos tinham condições de estar a "caráter" para a 1ª Eucaristia, mas os pais faziam questão de arrumar a roupinha para a celebração: os meninos com calça de tergal azul marinho, camisa branca de manga longa e gravatinha borboleta. As meninas de saia com pregas, blusa de manga comprida e sandália com meias brancas.

Durante a Missa, os catequizandos ficavam separados nos bancos da frente e, no momento da Comunhão, era dever dos padrinhos de Batismo acompanhar o afilhado na fila para receber a Sagrada Eucaristia. Terminado o rito, havia uma lembrancinha escrita do momento e Monsenhor Elói fazia questão de fazer o "retrato" para eternizá-lo.



Marcus Santiago
Secretário do IHGST

CAVALO CAMPOLINA

O cavalo Campolina é uma raça originária do Brasil, selecionada pelo fazendeiro Cassiano Antônio da Silva Campolina em sua fazenda, em Entre Rios de Minas, a partir de 1857. Homem rico, inteligente, excêntrico, apaixonado por cavalos, amante de cavalhadas, decidiu criar animais mais altos, fortes, de bom andamento. Era uma forma a obter vantagens nas disputas entre “cristãos e mouros” por que era aficionado e, ainda, fornecer cavalos de boa qualidade para o Exército Real, para transporte de carruagens no Rio de Janeiro, montaria e serviços diversos nas fazendas. Aliás, a criação de equinos de raça e sua comercialização, em especial para o território carioca, foi um dos motivos de seu grande enriquecimento.

Segundo biógrafos, Cassiano Campolina era homem de nobres princípios e de larga visão empresarial, legando seu patrimônio, oriundo de suas vastas atividades pecuárias e de investidor financeiro, para a edificação de hospital de grande porte, soberbo em todos os seus aspectos, atendendo a população local e de toda a região adjacente.

Começou seu projeto com uma égua de nome Medeia, prenhe de um Andaluz (garanhão que pertencia ao plantel de Mariano Procópio, em Juiz de Fora). Ela lhe foi enviada, de presente, por D. Pedro II; e acabou gerando um potro extraordinário: o lendário Monarca, padreador da raça. Durante 30 anos, Cassiano Campolina, nascido aos 10 de julho de 1836, selecionou seu plantel, introduzindo em suas éguas crioulas, além do garanhão Monarca, outros reprodutores de raça anglo-normando e puro sangue inglês - tudo realizado em sua Fazenda do Tanque⁽¹⁾ em Entre Rios de Minas.

Cassiano Campolina faleceu em 27 de julho de 1904 e nunca se casou. Era natural da freguesia de São Brás do Suaçui, termo de Entre Rios de Minas, filho do Major José Caetano da Silva Campolina e D^a Francisca de Paula Ferreira, tendo nascido na fazenda Serra dos Caixetas, de propriedade de seus pais. Datou seu testamento aos 22 de fevereiro de 1903 na Fazenda do Tanque, deixando como testamentários, em 1º lugar, o senhor João Ribeiro de Oliveira; em 2º o senhor João Batista de Oliveira e Souza e, em 3º, o Ten.Cel. Joaquim Pacheco de Rezende.

Sua fortuna, por decisão testamentária, foi investida na construção do hospital – inaugurado em 1910⁽²⁾ – que foi batizado com seu próprio nome e que tanto serve à comunidade de Entre Rios e região (*ver box “Testamento de Cassiano Campolina”*).

Já em 1910, a raça Campolina era conhecida e reconhecida nacional e internacionalmente. Para o sucesso, teve como grandes apoiadores o próprio Ten.Cel. Joaquim Pacheco de Resende, João Ribeiro de Oliveira e, ainda, Gabriel de Andrade, proprietário da Fazenda Campo Grande em Passa Tempo. Após a morte de Campolina e ao lado de outros criadores, eles se dedicaram ao aperfeiçoamento da raça, missão continuada por dezenas e dezenas de criadores em todo o País e mesmo no exterior⁽³⁾. Em 1951 foi fundada a Associação Nacional dos Criadores do Cavalo Campolina.



Cassiano Antônio da Silva Campolina



CARACTERÍSTICAS MORFOLÓGICAS DO CAVALO CAMPOLINA

- Porte e temperamento nobres, formas harmônicas, traços curvilíneos, estrutura óssea muscular que favorece o andamento marchador;
- Animal com diferencial único, coberto por pelagens de rara beleza; cabeça suavemente convexilínea proporcional ao pescoço moldado de formato trapezoidal; com orelhas expressivas lanceoladas de tamanho médio e bem implantadas;
- Olhos grandes, vivos; crinas fartas e sedosas; a garupa ampla, longa, suavemente inclinada, traços que fazem com que o Campolina seja reconhecido e referenciado, marcando presença por onde quer que passe;
- É considerado o maior marchador brasileiro, procurado não só para competições, mas igualmente para lida com gado, pelo seu tamanho, destreza e força;
- As cores e os tons predominantes da raça são a baía, a alazã, castanha, preta, tordilha, branca e pampa, o que distingue o animal por sua diversidade e exclusividade. A altura média de 1,58m (machos) e 1,52m (fêmeas), podendo, no entanto, medir até 1,75m de altura.

NOTAS

(1) A Fazenda do Tanque, que data de 1760, juntamente com a fazenda da Lagoinha, foram adquiridas em 1836 pelo Major José Caetano da Silva Campolina, pai de Cassiano Campolina, que a comprou de D^a Ana de Jesus de Góes e Lara, viúva do Cap. Elias Antônio da Silva Resende. As duas propriedades, que por herança passaram a Cassiano Campolina, por falecimento deste (1904) passaram a pertencer, conforme legado, ao Ten. Cel Joaquim Pacheco de Resende (+ 1919); e deste ao seu filho, Cel. José Resende, que a administrou no período de 1919 a 1940, quando foi vendida a Boelsum Jhoan Boelsuns. Hoje, é pertencente a William Daniel Boelsuns e os filhos Maria Clara, Guilherme e Frederico.



Vista parcial da Fazenda do Tanque

(2) Cassiano Campolina deixara para o hospital que recebeu seu nome um legado (líquido) de 709:779\$430, incluindo apólices e letras hipotecárias, dinheiro, moedas de ouro e prata etc.

A execução da verba para construção e manutenção da Casa de Saúde, conforme disposição testamentária do doador, estaria a cargo da Associação do Pão de Santo Antônio, fundada em 08 de julho de 1900. O grupo não pode aceitar tal incumbência e, com isso, o testamenteiro João Ribeiro de Oliveira nomeou 30 homens para formarem uma Irmandade. Se reuniram em data de 28 de agosto de 1904, elegendo a Mesa Administrativa do hospital com a apresentação e aprovação dos respectivos estatutos. Em 1906 foram iniciadas as obras, sendo o projeto arquitetônico do renomado arquiteto Dr. Edgar Nascentes Coelho. Registre-se que o hospital detém, em seu interior, riquíssimo acervo iconográfico e artístico com pinturas assinadas por Francisco Tamietti, de nacionalidade italiana.

Um sobrinho do testador Cassiano Campolina, o dr. José Caetano da Silva Campolina, considerando-se herdeiro legítimo, requereu ao então juiz de direito da comarca de Entre Rios, dr. Oliveira Resende, a condição de inventariante, o que foi deferido pelo magistrado. A Irmandade do Hospital viu-se, assim, envolta numa injusta e injustificável demanda, contratando para defendê-la os serviços do célebre advogado Dr. Mendes Pimentel, contando ainda com os inestimáveis préstimos do Dr. Artur Ribeiro de Oliveira, entre-riense, então procurador geral do Estado. A Irmandade acabou vitoriosa nos tribunais superiores, permitindo que fossem cumpridos os desígnios do doador. Assim, pode-se construir o hospital que tanto orgulha Entre Rios, prestando imensos benefícios, há mais de um século, à população regional.

Desde setembro de 1969, os restos mortais de Cassiano Campolina descansam no Memorial que leva seu nome, trasladados para a praça local.

FOTO: GONÇALVES



Vista do Hospital com o Memorial

(3) Sobre a Fazenda Campo Grande e o clã Andrade, ver matérias em nossos boletins n. XLII, de março/2011; e n. CXXIII, de dezembro/2017.



RECONHECIMENTO

Para a consecução dessa matéria, agradecemos sobremaneira pelo apoio, pelas informações e pelo material que nos foram gentilmente repassados pelo sr. João Bosco Firmino dos Reis, nosso dileto amigo e líder cooperativista em Entre-Rios de Minas.

HISTÓRIA

Marcos Históricos da Formação e Evolução da Raça CAMPOLINA



1836 – Nascimento de Cassiano Campolina em 10 de julho, na Fazenda da Serra dos Caixetas em São Brás de Suaçuí, ex-distrito de Entre Rios de Minas. Cassiano Campolina era filho do Major José Caetano da Silva Campolina e de D. Francisca de Paula Ferreira. De acordo com relatos do livro “Memorial Hospital Cassiano Campolina”, ele era homem excêntrico. Sempre viveu na Fazenda do Tanque, de seus pais. Durante período de 8 anos, não transpôs os limites da propriedade, e gabava-se disto. Franco e acessível, era cordial, mas às vezes de franqueza um tanto rude, e também muito cioso de suas amizades. Não se casou. Teve apenas dois amigos verdadeiros em Entre Rios de Minas, o Cel. Joaquim Pacheco de Rezende e João Ribeiro de Oliveira.

1857 – Cassiano Campolina inicia uma criação de equinos na Fazenda Tanque. O rebanho era constituído por éguas sem características raciais definidas, chamadas de “nacionais”, descendentes dos cavalos Berberes do Norte da África, originalmente introduzidos no Brasil pelos colonizadores portugueses. O cavalo Bérbere, ou Barbo, é tão antigo quanto o da raça Árabe. Também foi utilizado na formação de um grande número de raças em todo o mundo, inclusive a Andaluz, durante a invasão da Espanha pelos mouros. É um cavalo de resistência inigualável, ágil e veloz no serviço. Mas não é de conformação bela, devido à garupa curta, derreada e a cabeça muito longa.

1860 – Francisco Teodoro de Andrade, oriundo de Itutinga-MG, comprou de um português a Fazenda Campo Grande (berço da linhagem Passa Tempo). A criação original de equinos era descendente da Fazenda Campo Alegre, propriedade do Barão de Alfenas, onde foi formada a raça Mangalarga Marchador.

1861 – Nascimento de Gabriel Augusto de Andrade, filho de Francisco Teodoro de Andrade. Gabriel Augusto de Andrade tornou-se amigo particular de Cassiano Campolina, com quem mantinha estreitos laços de amizade e troca de correspondências.

1870 – Marco zero da formação da raça Campolina. Cassiano Campolina recebeu de presente, da criação do amigo Antonio Cruz, de Juiz de Fora-MG, uma égua de nome Medeia, de pelagem preta. Medeia estava prenhe de garanhão da raça Andaluz e pariu, no mesmo ano, um lindo potro tordilho negro, que recebeu o nome de Monarca, considerado o garanhão fundador da raça Campolina.

1898 – Morte de Monarca aos 28 anos de idade. Cassiano Campolina fez algumas experiências mal sucedidas de cruzamentos com garanhão de tração pesada, da raça Percherão. Optou em resgatar o sangue de Monarca, através de seus filhos, sendo os de maior renome na época: Monarca II, Monarca III, Predileto, Baiardo, Pope, Leviano, Nobre. O motivo do uso de garanhão Percherão foi tentar produzir animais maiores e mais fortes para serviços de tração agrícola e atrelagem. Mas o andamento marchado foi perdido.

1889 – Falecimento de Francisco Teodoro de Andrade.

1904 – Falecimento de Cassiano Campolina em 26 de Julho, aos 68 anos de idade, vítima de Arteriosclerose Cardiorrenal. O amigo particular Joaquim Pacheco de Rezende, herdou a Fazenda Tanque, com o compromisso de destinar uma quantia em dinheiro à construção do Hospital Cassiano Campolina em Entre Rios de Minas-MG. A primeira iniciativa de Joaquim Pacheco foi comprar do amigo Cel. Gabriel Augusto de Andrade o reprodutor de nome Golias, portador de ¼ de sangue Clydesdale (raça de tração, de grande porte), pelagem baía, exímio marchador. A raça Clydesdale é de origem inglesa,

de grande porte, especializada para serviços de tração pesada e sendo, atualmente, uma das mais requisitadas no mundo para atrelagem. O Clydesdale apresenta temperamento mais ativo em relação às outras duas raças de tração mundialmente populares, Bretão e Percherão. Seu trote é mais elegante, vigoroso, alçado e flexionado. Outra vantagem é que o cavalo Clydesdale apresenta pelagens mais belas, predominando a castanha, com membros comumente alto-calçados e frente aberta.

1910 – Construção do Hospital Cassiano Campolina.

1911 – Falecimento de Joaquim Pacheco Rezende. O filho, Joaquim Rezende, conhecido como “Sr. Quinzinho”, herdou a Fazenda Tanque e todo o criatório de cavalos marca C.C (Cassiano Campolina).

De 1900 a 1910 – Foi utilizado na Fazenda Passa Tempo o garanhão Treffler, da raça Holstein, importado por Américo de Oliveira e José Ferreira Leite. Américo de Oliveira era pai de Ilza Oliveira, que veio a se casar com Bolívar de Andrade, filho de Gabriel Augusto de Andrade, que importou dos Estados Unidos, nesta mesma década, o reprodutor Yankee Prince, citado na história da raça Campolina como sendo da raça American Saddle Horse. Na verdade, era um cavalo Anglo-Árabe. A raça Holstein é originária da Alemanha, sendo representada por cavalos maiores que o Hanoveriano. Apresenta aptidões natas para o salto e tração leve.

De 1910 a 1920 – Alguns filhos de Monarca e Golias foram usados na Fazenda Tanque. Tupy foi citado na história da raça como um deles. Na verdade, era de sangue Orloff, raça originária da antiga República Soviética. Foi o cavalo russo das corridas de charrete, tendo sido considerado o melhor trotador do mundo, até o desenvolvimento do cavalo American Standardbred (Trotador Americano), o campeão de velocidade em corridas de trote.

De 1920 a 1930 – Filhos e netos de Monarca foram usados na Fazenda Tanque. Colorado, filho de Yankee Prince, foi utilizado na Fazenda Campo Grande.

1930 – Joaquim Rezende comprou Otelo, garanhão de pelagem alazã, filho de Golias. Otelo é avô materno de Gás Tejo.

1938 – Foi constituído o Consórcio Profissional Cooperativo dos Criadores do Cavalo Campolina, com sede em Barbacena. Os fundadores foram Paulo Rocha Lagoa, Claudino Ferreira da Fonseca, Edgard Bitencourt.

1939 – Joaquim Rezende resolveu cruzar a sua melhor égua, de nome Predileta, com o principal reprodutor da Fazenda Campo Grande, o Rio Verde, de origem na raça Mangalarga Marchador. O principal objetivo foi o de melhorar o andamento. Desse cruzamento nasceu o famoso Campolina Rex, pai do Gás Rex, avô do Gás Dengoso.

De 1930 a 1940 – Rio Verde, da raça Mangalarga Marchador, foi usado tanto na Fazenda Campo Grande, como na Fazenda Tanque. Outro reprodutor notório da raça Mangalarga Marchador, o Seta Caxias, pai do Herdade Cadillac, também foi utilizado na linhagem “Gás”, tendo gerado o famoso Gás Tejo, que juntamente com o Campolina Rex formou as duas principais famílias do criatório “Gás”.

1940 a 1950 – Rio Verde e seus filhos, com destaque para Florete e Herval, continuaram a ser usados na Fazenda Campo Grande. Esta também foi uma década importante pelas contribuições de Campolina Rex, Delta II, pai do Miraf Rififi, que viria a gerar o notório Expoente de Passa Tempo e pai da famosa égua Miraf Granfina.

1940 – A Fazenda do Tanque foi vendida e a criação de cavalos Campolina (era esse o prefixo) transferida para a vizinha Fazenda Palestina.

1949 – Falecimento do Cel. Gabriel Augusto de Andrade. Bolívar de Andrade herdou a Fazenda Campo Grande e todas as criações de equídeos – Mangalarga Marchador, Campolina, Piquira e jumentos Pêga.

1951 – Foi fundada a Associação Brasileira dos Criadores do Cavalinho Campolina, com sede em Belo Horizonte, tendo como primeiro Presidente Bolívar de Andrade, titular da linhagem “Passa Tempo”.

1954 – Falecimento de Joaquim Rezende. O filho, Gastão Ribeiro de Oliveira Rezende, herdou todo o criatório Campolina e mudou o prefixo “Campolina” para “Gás”.

1957 – Morreu o notável reprodutor Rio Verde, aos 31 anos de idade, após terminar de cobrir uma égua. Cinco éguas pariram após a sua morte.

1950 A 1960 – Década na qual destacaram-se os sementais Tentador (pai do Xerife de Passa Tempo), Miraf Riffi, Ressaca de Passa Tempo e Gás Tejo.

1960 A 1970 – Década das mais ricas em reprodutores e matrizes notórias, com destaques para Xerife de Passa Tempo, Expoente de Passa Tempo, Xepeiro de Passa Tempo, Causa de Passa Tempo, Gás Rex II, Gás Prelúdio I, Gás Jandaia.

1974 – Falecimento de Gastão Ribeiro de Oliveira Rezende, titular da linhagem Gás.

1970 A 1980 - O melhoramento zootécnico da raça deu um grande salto nesta década. Foi uma época farta de cavalos bons em tipo, marcha e como reprodutores, predominantemente descendentes de duas linhagens pilares. O destaque é para Gás Dengoso, que viria a ser o reprodutor de maior influência contemporânea na composição genética da raça.

- Do “Passa Tempo”: Jupter, Ousado, Lagedo, Contrabando, Garboso, Lamento, Graduado.

- Do “Gás”: Gás Dengoso, Gás Sucesso, Gás Marujo, Gás Bicão, Gás Radar.

- Cassino da Palmeira, Frevo de Santarém, Gringo de Santarém, Pery-Pery Jaguarí.

1978 – Falecimento de Bolívar de Andrade, após acidente de carro. Seu nome foi dado ao Parque de Exposições Agropecuárias de Belo Horizonte.

1980 A 1990 - Através do inter-cruzamento das linhagens Gás e Passa Tempo, alguns criatórios começaram a despontar, produzindo animais superiores aos representantes das linhagens pilares - “Santa Rita”, “Sans Souci”, “Horizonte”, “Arábias”, “Maravilha”. Foi a década do “Angelim”.

- Do “Angelim”: Ogum, Laurel, Jogo, Garol, Irol, Licor, Narciso, JK.

- Desacato da Maravilha, Gavião de Sans Souci, Frevo de Sans Souci.

- Do “Passa Tempo”: Recruta, Quartel, Orgulho, Zino, Artilheiro.

- Do “Gás”: Momento, Baluarte, Momo, Ouro, Garbo.

1997 – Falecimento de Márcio de Andrade, ex-presidente da ABCCCampolina, titular da linhagem “Passa Tempo” e nome dos mais importantes no processo da evolução funcional do cavalo Campolina.

1990 A 2000 - Nesta última década do século XX, surgiram inúmeros representantes de criatórios novos, despontando nas pistas sobre representantes das linhagens pilares e dos criatórios antigos, comprovando que a raça está realmente evoluindo. As linhagens pilares e os criatórios antigos mantiveram-se fechados. Esta foi a década na qual dois raçadores passaram a influenciar marcadamente a composição genética da raça: Desacato da Maravilha e O.P. de Santa Rita. Outros reprodutores de destaque foram Completo do Angelim, Nero de Sans Souci, Iluminado de Alfenas, Albatroz do Oratório, Regente de Sans Souci, Guardião das Aroeiras, Gás Cobre, Atento do Angelim, Gás Chacal, Cardeal da Palmeira, Rex de Sans Souci, Gás Prelúdio III, Angelim do Campo, Rei do Solar, Santa Maria Homero, Relevo da Serra Azul, RRD de Santa Rita, MB de Santa Rita, Furacão do Tiguara, Bromo do Angelim, Príncipe do Ouro Fino, RRP de Santa Rita.

2000 a 2006 – Nesse início do século XXI um criatório consolidou-se como o melhor da raça Campolina, pelo retrospecto de resultados em Exposições especializadas da raça, foi o criatório sufixo Hibipeba, dos irmãos Norival e Roberto Siqueira.

2007 – Desponta como o melhor Criatório da raça Campolina o Haras Chiribirinha, localizado em Duas Barras-RJ.

Testamento de Cassiano Campolina

Antonio Pereira de Medeiros, escrivão do primeiro officio desta Comarca de Entre-Rios, na forma da lei, etc.:

Certifico que em meu poder e cartório se acham os autos com o proprio testamento de Cassiano Antonio da Silva Campolina, em original e é do teor seguinte:

EM NOME DE DEUS - AMEN

Eu, Cassiano Antonio da Silva Campolina, abaixo assignado, estando de perfeita saúde, em meu juizo e claro entendimento, determino fazer este meu solemne testamento pela forma seguinte:

Declaro que sou natural desta Freguezia de São Braz de Saussuby do Termo de Entre-Rios: residente nesta fazenda denominada - Tanque - do mesmo termo.

Declaro que sou filho legitimo do Major José Cactano da Silva Campolina e D. Francisca de Paula Ferreira, já fallecidos.

Declaro que sempre me conservei solteiro, e neste estado não tive filho algum, e por conseguinte não tenho herdeiros forçados.

Declaro e nomeio para meus testamenteiros: em primeiro lugar, Sr. João Ribeiro de Oliveira; e segundo, ao Sr. João Baptista de Oliveira e Souza, em terceiro ao Sr. Te. Cel. Joaquim Pacheco de Rezende: todos residentes na Freguezia de Entre-Rios, com substituição de huns aos outros, pela ordem da nomeação, e à aquelle que aceitar esta minha testamentaria lhe deixo em remuneração do seu trabalho a quantia de dois contos de rs. (Rs. 2.000\$000) e o prazo de um anno para della prestar contas em juizo, e em todos depositei inteira confiança e os hei por abonadas.

Declaro que é minha vontade, que o meu enterro seja feito com a maior simplicidade, e sem pompa alguma.

O meu cadáver será encomendado, e acompanhado por hum só sacerdote e, este celebrará hua missa pela minha alma.

É meu desejo ser sepultado no cemitério da Cidade de Entre-Rios: dado o caso de que falleça nesta fazenda, o meu corpo será conduzido em caixão d'aqui para Igreja por alguns dos meus empregados, e aggregados em número de oito; e sómente dos que me tiverem sido mais dedicados, e cada hum delles se dará em remuneração do seu trabalho a quantia de cincoenta mil rs. (Rs. 50\$000) e a da Igreja para o cemitério será conduzido por alguns dos meus Amigos, Parentes e affeições que de bom grado queirão prestar-me este último serviço.

Na primeira domingo ou sete dias depois do meu fallecimento, meu testamenteiro mandará por pessoa de sua confiança distribuir pelos pobres mais necessitados da Freguesia de Entre-Rios, a quantia de quinhentos mil rs. (Rs. 500\$000) e igual quantia pelos da de Saussuby; podendo ser as emolas de 5\$, 10\$, 20\$ a cada hum conforme merecer: a juizo do distribuidor.

Deixo a Philomena Carolina da Silva, casada com o Sr. António José Corrêa Loureiro, residentes em Saussuby, trinta Apolices do Estado de Minas: ao portador, do valor nominal de hum conto de reis das quais terá somente os juros enquanto viva fôr, não podendo transferil-as nem hypothecar e por sua morte serão divididas em iguais partes pelos seus filhos, e se succeder que eu sobreviva a ella, neste caso serão aos seus filhos os herdeiros sem onus alguns; embora exista o marido, tambem a ella deixo com as mesmas clausulas huas cazas de vivenda sitas no Arraial de Saussuby, isto no caso de ue ainda as possuir por occasião de meu fallecimento, declaro livre de direitos Nacionaes este legado - Apolices e Casas - que serão pagos a castas do monte.

Deixo em legado: tambem livre de direitos: a Eloy da Silva Campolina a quantia de cinco contos de rs. (5.000\$000) com a clausula delle os empregar ou em Apolices ou em terrenos; podendo usufruir os juros d'aquellas; ou cultivar estas; porém nunca alhear ou hypothecar ou dar em pagamento de suas dividas, e por seu fallecimento revertendo a seus filhos em iguais partes, e sem onus algum.

Deixo a cada hum dos meus empregados: tanto os prezentes com facturos, que por occasião do meu fallecimento estiverem; però menos há cinco anos consecutivos, e effectivamente no meu serviço a quantia de quinhentos mil rs. (Rs. 500\$000) a cada hum livres de direitos e quequer dispezas; actuamente são elles: Torquato Brasiense, Theobaldo da Costa, Vigilato Candido, Pedro da Costa, e Francisco Mathias com a declaração que se alguns destes se retirarem da minha companhia antes do meu fallecimento, nenhu direito terá este legado.

Deixo em legado para a fundação, installação, e patrimonio de hum Hospital ao que se dará a denominação de - Hospital Cassiano Campolina - mas sem prejuizo das disposições acima descriptas, todo dinheiro que por occasião do meu fallecimento eu possuia em modda metallica, papel Apolices do Governo, e quaisquer outros titulos publicos ou particulares que representem valor pecuniario.

Para dar execução a esta verba, encarrego a Associação do Pão de Santo Antonio, ora existente na Cidade de Entre-Rios, e se esta por occasião do meu fallecimento já houver sido extincta, o meu testamenteiro convidará a trinta homens de reconhecida probidade para elegerem o Provedor (e é meu desejo que seja algum dos meus testamenteiros para a isso queira prestar-se) Thesoureiro, Secretario e mais funcionários que forem necessario para darem andamento a construção do dito Hospital, para cujo fim farão aquisição de terreno apropriado nas immedições da Cidade de Entre-Rios.

Orçamento e planta do Edificio, e suas dependencias será regulado pelas forças do legado, reservando em Apolices a quantia que julgar necessaria para o seu Patrimonio, o qual será inviolável, sendo applicados somente os juros para o custeio e conservação do mesmo: cujo Hospital será sempre administrado por Seculares de reconhecida probidade que serão remunerados, cazo não queirão prestar-se gratuitamente e por espirito de humanidade, e sendo hua instituição de caracter particular não terá o poder civil ou eclesiastico gerencia ou intervenção alguma na sua administração, a qual será sempre confiada a Seculares que terão de ser eleitos, pelo conselho que para este fim terá de crear-se.

Se não houver descrecimento nos meus haveres actuaes desudidas as quantias necessarias para o cumprimento das outras disposições, o referido legado poderá montar a settecentos e cincoenta contos, quantia que julgo sufficiente para ser construido e montado hum Hospital de primeira ordem (reservando-se quantia sufficiente para seu Patrimonio) no qual haverá accommodações para enfermos atacados de qualquer enfermidade inclusive a loucura.

Os reconhecimentos pobres receberão tratamento gratuito tendo preferencia na admissoem em primeiro lugar deste Municipio, em segundo os de todo Estado de Minas, em terceiro os demais Estados da União, em quarto os estrangeiros, embora naturalizados.

Tambem haverá accommodações decentes e separadas para os favorecidos da fortuna, os quais pagarão hua diaria modica somente o quanto compense as dispezas com o tractamento; porquanto é meu desejo que seja creado hum estabelecimento que preste socorros a humanidade soffredora sem vicias mercantis.

Quanto aos seus statutos e regimento interno, o Provedor adoptará os de alguma instituição congenere mais conceituada, podendo nelles fazer algumas alterações ou suppressões que julgar convenientes.

Deixo em legado ao meu testamenteiro, o Te. Cel. Joaquim Pacheco de Rezende, ou a seus filhos se eu a elle sobreviver a minha Fazenda denominada - Tanque - com todos os seus Retiros e beneficencias, moveis, animaes de criar e de trabalho nella existentes por occasião do meu fallecimento (a excepção de alguns poquenos objectos que deixo como lembrança material e que conterão de hua lista que deixo separada deste) com o onus delle legatario ou seus successores entrarem com a quantia de dazentos e cincoenta contos (rs. 250.000\$000) livres de Direito Nacionaes em dez prestações iguaes e annuaes; sendo a primeira no primeiro mez de janeiro logo depois do meu fallecimento, e as demais nos Janeiroes seguintes cujas prestações serão incorporadas ao fundo Patrimonial do Hospital creado por disposição deste testamento; e si o legatario ou seus successores não aceitarem o legado assim clausulado serão os ditos moveis, moveis e semoventes vendidos em hasta publica, podendo os terrenos, e bem assim os animaes, serem divididos em lotes, a fim de facilitar a aquisição dos licitantes, e o producto da venda terá o mesmo destino acima indicado, isto é, será incorporado ao fundo Patrimonial do Hospital creado por disposição deste testamento.

Nesta firma dou por concluido este meu authentico testamento por mim dictado, escrito e assignado, o qual quero que se cumpra e guarde como nelle se declara e contém revogando outro qualquer que appareça com data anterior.

Fazenda do Tanque, 22 de Fevereiro de 1903.

Cassiano Antonio da Silva Campolina

TROPEIROS

Os tropeiros eram condutores de tropas de cavalo ou mulas, que atravessavam extensas áreas transportando gado e mercadorias.

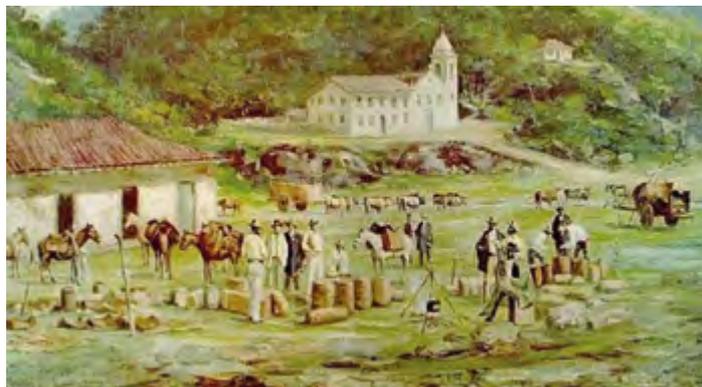
Os percursos podiam durar várias semanas e envolver regiões do Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil. Essa atividade existiu desde o século 17 até início do século 20.

A partir do século 18, pequenos povoados começaram a surgir ao longo do trajeto das tropas, principalmente no Sul e Sudeste, onde os tropeiros paravam para trocar mercadorias e o gado podia pastar.

O comércio nesses povoados desenvolvia-se naturalmente para atender as tropas, ao mesmo tempo em que os tropeiros levavam e traziam mercadorias para esses povoados. Os tropeiros prestaram, assim, importante contribuição ao desenvolvimento das regiões por onde passaram e foram responsáveis pela integração econômica e cultural entre muitas áreas longínquas do Brasil Colônia, com o aparecimento de vilas, freguesias e cidades.

Os tropeiros percorriam uma distância aproximada de 40 Km diários, nos mais diversos tipos de terreno.

Em direção a Minas Gerais, o transporte era feito no lombo de



animais devido aos acidentes geográficos da região, o que, conseqüentemente, dificultava o transporte.

O tropeiro iniciava-se na profissão por volta dos 10 anos, acompanhando o pai, que era o negociante (na compra e venda de animais) e o condutor da tropa.

Usava chapelão de feltro preto, cinza ou marrom, de abas viradas, camisa de cor similar ao chapéu de pano forte, capa e/ou manta com uma abertura no centro, jogada sobre o ombro, botas de couro flexível que chegavam até o meio da coxa para proteção nos terrenos alagados, nas matas em dias de chuva.

A alimentação dos tropeiros era constituída basicamente por toucinho, feijão, farinha, pimenta-do-reino, café, fubá e coité (um molho de vinagre com fruto cáustico espremido). Nos pousos, comiam feijão quase sem molho com pedaços de carne de sol e

ANTIGA ROTA DOS TROPEIROS



toucinho (Feijão Tropeiro), que era servido com farofa e couve picada. Já as bebidas alcoólicas só eram permitidas em ocasiões especiais: nos dias muito frios, os viajantes tomavam um pouco de cachaça para evitar constipação e como remédio para picada de insetos.

O cavalo do tropeiro levava uma sela apetrechada com uma sacola, para guardar sua capa e ferramentas do uso diário.

O resto da tropa era composta por muares (burros ou mulas), que formavam a fila de cargueiros à sua retaguarda. Esses animais eram responsáveis por carregar a "malotagem" composta pelos apetrechos e arreios necessários de cada animal no acondicionamento da carga e pela bruaca (bolsões de couro que eram colocados sobre a cangalha e serviam para guardar comida e mercadoria)

Em torno dessa atividade primitiva nasceram e viveram com largueza várias profissões e indústrias organizadas - como a de "rancheiro", proprietários de "rancho" ou alojamento em que pousavam as tropas. Geralmente não era retribuída a hospedagem, cobrando o seu proprietário apenas o milho e o pasto consumidos pelos animais, porque os tropeiros conduziam cozinhas próprias.

A profissão de ferrador também foi criada pelas necessidades desse fenômeno econômico-social, consistindo ela em pregar as ferraduras nos animais das tropas e acumulando geralmente a profissão de aveitar ou veterinário.

O tropeiro deveria ser capaz de resolver inúmeros problemas durante a viagem. As longas jornadas exigiam que ele fosse médico, soldado, artesão, caçador, pescador, cozinheiro, veterinário, negociante, mensageiro e agricultor. Tantos ofícios exigiam um arsenal variado de instrumentos e ferramentas.

1. Freme: espécie de canivete-suíço dos tropeiros. Suas lâminas e pontas eram usadas principalmente para "sangrar" cavalos e burros.

2. Puxavante: instrumento de ferro usado para aparar o casco do animal antes de receber a ferradura. O tipo mais antigo tinha formato de foice; os mais recentes são semelhantes a pás.

3. Pito: instrumento de ferro usado para apertar o focinho do burro. Usado no animal a ser ferrado, especialmente se fosse bravo ou inquieto.

4. Holofote: lanterna do tropeiro, composta de um gomo de taquara ou bambu, cheio de querosene e com uma torcida de pano velho de algodão.

5. Ciculateira: cafeteira. Também era conhecida como chocoladeira ou ainda esculateira.

6. Relho: chicote para animais usado ainda hoje no interior de Minas Gerais.



LINGUAGEM DO TROPEIRO

O Estado de Minas Gerais ainda guarda vestígios da influência dos tropeiros não só nas ruínas, na culinária e nas fazendas, mas também na linguagem do homem do campo:

Ancorote: barril pequeno, usado para transporte de aguardente. Também conhecido como corote.

Apear: descer da montaria,

Arranchar: pousar, descansar no rancho.

Arreio: peça principal do arreamento de montar, que corresponde à que em geral se chama sela.

Bruaca: bolsa de couro cru usada para transporte de comida e mercadorias.

Cangalha: conjunto de peças de madeira e couro, colocadas sobre o burro para a acomodação da carga.

Enervar: armar com taquaras o couro para mantê-lo bem esticado.

Jacá: grande cesto sem tampa, medindo cerca de meio metro de diâmetro e 70 centímetros de altura. Poderia ser trançado com taquaras ou couro de tatu.

Goitar: lutar entre amigos, empurrar e segurar de brincadeira.

Guampa: copo ou vasilha para líquidos feita de chifre.

Manta: prejuízo nos negócios. Passar uma manta é prejudicar o outro em uma barganha.

Picaço: Cor rara nos burros: avermelhado com cabeça e pernas brancas.

Pisadura: Ferida no lombo dos animais de sela causada pelo roçar de arreios.

Ralado: animal que manca. Sem ferra-

dura, gasta o casco e fere o talão.

Rendidura: hérnia nos animais de carga.

Suador: almofada de paina ou palha, colocada de baixo da cangalha para não ferir o lombo do animal.

Tralha: bagagem que acompanha o viajante, conjunto de peças de montaria.

Tranca-fio: correias de couro torcido usadas para unir os jacás e evitar que balancem na viagem

Zangar: estragar a carga de carne de porco por falta de sal ou atraso na viagem.

Fonte: *Clio História* – Prof. Almir Ribeiro



‘AINDA HÁ JUÍZES EM BERLIM’

Essa conhecida expressão tem, na verdade, uma explicação simples: o judiciário deve limitar o poder absoluto dos governantes e dos poderosos. Ela foi imortalizada pelos versos do escritor francês François Andrieux (1759-1833) no conto “O moleiro de Sans-Souci”

Eis o episódio. Frederico II, o Grande, rei da Prússia e um dos “déspotas esclarecidos”, foi um notável estrategista militar e, por outro lado, amante das artes, amigo de célebres filósofos, dentre eles Voltaire. Decidiu o imperador construir um castelo de verão em Potsdam, nas proximidades de Berlim. Para tal, escolheu a encosta de uma colina, onde já existia um velho moinho de vento, o moinho de Sans-Souci, dando ao seu palácio o mesmo nome (*Sans-Souci* significa, na verdade, “sem preocupação”).

Algum tempo depois, decidiu expandir seu “imóvel”. Incomodado pelo moinho que lhe impedia de ampliar uma ala, resolveu comprá-lo, ao que o moleiro recusou, terminantemente, alegando que não poderia vender sua casa, pois ali seu pai tinha falecido e ali seus filhos iriam nascer. O rei argumentou, dizendo-lhe que, se o quisesse, poderia simplesmente tomar-lhe a propriedade. Nesse instante, o moleiro teria dito a conhecida e famosa frase: – Ainda há juízes em Berlim.

Atônito com a ousadia – e decerto ingênua resposta, ou seja, a disposição de litigar com o próprio rei – Frederico II optou por alterar seus planos, deixando o moleiro e seu moinho em paz.

‘HÁ MOURO NA COSTA’

A expressão “há mouros na costa” (em algumas variações encontramos “há mouros em costas d’África”) tem o sentido de perigo iminente, de algo problemático. Uma advertência a alguém quanto a um eventual risco ou ameaça. Tem origem nos tempos em que piratas árabes, vindos do norte da África, assolavam as costas de Portugal e Espanha, contando com rede de espões em terra, que informavam antecipadamente os carregamentos das caravelas que depois seriam assaltadas em alto mar. Os piratas faziam também incursões em terra, assaltando as povoações costeiras.

Os piratas mouros, durante séculos, desde o Mediterrâneo até a Escandinávia e Ilhas Britânicas, promoveram frequentes razias, capturando europeus para serem vendidos como escravos nos mercados de Argel, Marrakesh, Tripoli. Dentre os escravizados pelos árabes, cita-se o nome do grande escritor espanhol Miguel de Cervantes y Saavedra, autor do clássico “Dom Quixote de La Mancha”.

Povoações localizadas nas zonas costeiras encontravam-se em permanente estado de alerta e prevenção aos perigos oriundos dos piratas mouros. Por toda a costa foram erguidos numerosos postos de vigia. Do alto das torres, ao se observar o horizonte, avistando-se as velas dos navios mouros, a sentinela gritava: “Há mouros na costa!”. Ato contínuo, fogueiras eram acesas e os moradores alertados preparavam-se para defender ou abandonavam rapidamente as aldeias, dirigindo-se ao interior do território. Tais incursões ocorreram até o século XIX.

Em sentido inverso ou antônimo, a expressão “não há mouros na costa” serve para dar a entender que não há perigo iminente para uma pessoa que procura ou deseja realizar determinada tarefa.

ORIGEM DA PALAVRA CAPELA

Segundo pesquisadores, a palavra *capela* – do latim *capella* (capinha, pequena capa) – tem a seguinte origem:

Em meados do século IV, um jovem militar romano, S. Martinho de Tours (316-397), em missão na Gália (atual França), ao chegar às portas de Amiens, deparou-se com um mendigo desabrigoado, desnudo, em situação de grave penúria e risco.

Martinho, que era filho de oficial superior do Exército romano, catecúmeno da Igreja e prestes a receber o batismo, lembrou-se das palavras de Cristo para com os pobres e, incontinentemente, partiu sua rica capa ao meio, entregando a metade ao mendigo. Naquela mesma noite, Cristo apareceu-lhe em sonho, coberto com a parte da capa por ele, Martinho, doada ao mendigo. O Senhor agradecia-lhe, assim, seu ato de generosidade.

Batizado, Martinho tornou-se, mais tarde, bispo de Tours, adquirindo fama de santidade. A metade da capa que lhe restara foi posta num relicário e guardada num oratório para melhor ser vista e venerada pelos fiéis. Tal oratório passou a ser conhecido como *capela*. Assim, o termo *capela*, com o tempo, passou a designar todo local de culto de pequenas dimensões.



IN PECTORIS

Pensem os...

Aniversarius: O que volta todos os anos... Quando a volta se repete 70 vezes, é preciso ir à Bíblia, onde o número 70 nos remete à ideia de consciência, intuição, renovação e liderança...

Não vale pelo simples número de voltas, mas pelo que se realiza e pelo que se sente entre elas, pois há jovens e maduros que se deixam vencer e há maduros e jovens que não depõem as armas num instante sequer.

Assim, a idade real não vale pelo tempo que se escoou, mas pelo estado de ânimo (*animus*, alma) e pelo espírito de cada um que atua, que se mexe, que vibra.

Na minha aldeia, que não é global, mas o início do meu mundo, vive a amiga - *in pectoris* - Maria de Lourdes Resende. O apelido "Cairu" fica-lhe muito bem pelo título de nobreza que sugere e carrega. Vejam: Senhora Viscondessa de Cairu!

No entanto, quando passamos a pensar neste texto, um espírito zombeteiro começou a soprar-nos insistentemente: Anna Néri... Anna Néri... Néri... Néri....

Talvez porque a Anna fosse a encarnação do doar-se, do servir; era abnegada, firme, voluntariosa e além do mais Ferreira, ora vejam!

É possível que aquela heroína tenha entrado nesta história por ter sido enfermeira voluntária nos

hospitais de campanha da Guerra do Paraguai.

Porém, o mais significativo foi ter voltado de Assunção trazendo consigo três crianças órfãs de guerra...

Aniversarius... Consciência, intuição, altruísmo e espírito de liderança são o que se repete a cada volta, todos os anos da vida da Ude... Da Cairu... Da Lourdes irmã, tia, avó emprestada amiga incondicional de todas as horas, 70 vezes sete pronta para as tarefas de socorro e salvamento.

Onde é que a Lourdes não estende suas asas? No Instituto Histórico e Geográfico? No Memorial? Na Santa Casa? Na APAE? Dio Santo!

Os amigos do coração sempre são Anjos Universais. Desapegados, eles nem sentem, mas nós percebemos suas asas protetoras, benfazejas, despreziosas.

Que Deus continue a conceder a esta batalhadora muita luz.

Servir é preciso: dia 25 de janeiro e em todos os demais dias do ano. De todos os anos. Dos séculos *seculorum*!

SERVINDO!...

Efraim Marcos

EMPATIA

A empatia é uma habilidade essencial a ser construída e frequentemente aprimorada em nossas relações interpessoais. Na verdade, algo que portamos, adquirimos ou aprimoramos desde o berço familiar e o âmbito escolar. Sempre somos observados: como e com quem nos relacionamos, que modalidade(s) de linguagem empregamos, que gestos e mesmo imagens corporais utilizamos nos diálogos, como nos comunicamos com estranhos e pessoas diferentes, se somos solícitos quando demandados.

Agindo com empatia, damos testemunho de civilidade, solidariedade, humanismo. Agindo por impulsos, descontroles, retornaremos, como sói ocorrer frequentemente, ao estágio das cavernas. Impensável continuarmos nos corroendo em ódio, raiva, emoções incontrolláveis.

Não devemos confundir violência bruta, desordenada, com a indignação natural e cívica que cada cidadão deve ter - e manter - na sua

condição de responsável social e de combatente contra a desigualdade e a injustiça.

A passividade ou selvageria são situações por vezes análogas: não contribuem para a solução racional dos fatos ou problemas. Aristóteles, em sua "Ética a Nicômano", elogia "quem se encoleriza justificadamente com coisas ou pessoas" e ainda frisa que "os que não se encolerizam com as coisas que deveriam excitar sua indignação são considerados tolos".

Devemos, assim, aprender a observar, refletir, ofertar espaços e ações que gerem comunicação, comunicabilidade, eliminação de atritos, conhecimento mútuo. Eventuais e naturais discordâncias não devem ser empecilho para que pessoas de grupos diferentes conversem, dialoguem. Não importam crenças, e sim concordância maior, respeito em se compartilhar as águas do rio. Questão de pertencimento, em que a variedade de conexões, a multiplicidade de versões e os pontos de vista nos enriquecem a existência.

FOLCLORE: QUASE QUE EU PERCO O BAÚ

Trata-se de conhecida cantiga de roda da qual se conhecem várias versões (modificações da letra) em todo o País. Segundo folcloristas, a versão mais aproximada do original é a paraibana

II – VERSÃO ALAGOANA/BAHIANA

Quando eu vim de Maurú (de Maurú)
Quase que perco o meu baú (bau, baú)
Quase que não tomo pé (não tomo pé)
Por causa do remador
Que remou contra a maré

Ai, benzinho
Tenha compaixão
Vem dar alívio
Ao meu pobre coração

I – VERSÃO PARAIBANA

Quase que perco o meu baú (baú, baú)
Quase que não tomo pé (pé, pé)
Por causa do remador (remador)
Que remou contra a maré

Quando eu cheguei na ponte (cheguei na ponte)
Perguntei quem me salvou (quem me salvou)
Respondeu o reservante (reservante)
Que foi o meu primeiro amor

Feliz mamãe
Feliz compaixão
De tua filhinha
Que te ama de coração

III – VERSÃO DE MINAS GERAIS – ZONA DA MATA

Quase que eu perco o meu baú (baú, baú)
 Por causa do remador (remador, remador)
 Que remou contra a maré (maré, maré)
 Por isso não dou meu pé (meu pé, meu pé)

O estudante da Marinha (inha, inha)
 Quer fazer revolução (revolução)
 Embrulhou num papel (num papel)
 Dentro um coração

Ó fulana
 Tenha compaixão
 Venha dar alívio
 Ao meu pobre coração



IV. VERSÃO PARAENSE E AMAZONENSE

Quase que eu perco o baú (perco o baú)
 Por causa desse menino (desse menino)
 Que não soube navegar (navegar)
 Dentro das águas deste rio (deste rio)

Feliz papai
 Feliz mamãe
 Feliz menino
 De meu doce coração



V - OUTRA VERSÃO PARAENSE

Quase que eu perco o baú (perco o baú)
 Por causa do Zezé (Zezé)
 Que não soube navegar (navegar)
 Quase que o barco vai ao fundo (vai ao fundo)

Adeus papai
 Adeus mamãe
 Feliz maninho
 Do meu doce coração

Adeus meninos
 Adeus meninas
 Adeus crianças
 Que o barco já vai!
 (Fonte: Jornal *A Manhã*, 01/06/1942)



CAFÉ

TIPOS, BEBIDAS, PENEIRAS, COR, TORRAÇÃO, DEFEITOS E CAFÉ PURO

TIPO

Para se achar o tipo é preciso determinar a quantidade de defeitos: grão preto, pedra, pau, torrão, coco, cascas, marinheiro, conchas, grão verde, ardido, brocado, quebrado, chocho, mal granado.

Tem uma tabela de equivalência de defeitos. Somando os defeitos achamos o tipo do café.

BEBIDA

Por bebida, a classificação é feita por provadores treinados que, em prova de cinco xícaras, determinam a “bebida” do café em: esuritadamente mole (gosto doce, suave), apenas mole; mole (gosto suave); ... café amargo, mas livre do gosto aproximado de algo.

PENEIRA

Por peneira, o café se classifica em: fava graúda, número 20; boa fava, número 17; fava média, número 16; fava miúda, número 15; fava miudinha, números 14 e 13; moca, números 12 a 9.

COR

Por cor o café cru pode ser: verde-cana; esverdeado; chumbado; amarelo; pampa; marrom.

TORRAÇÃO

Quanto à torração pode ser: fina, boa, regular, má.

COCO SECO

Derrigar o café, no pano ou chão limpo; não colher café verde; levantar, abanar, transportar para o lavador; lavar e pôr para secar no mesmo dia da colheita; a seca deve ser por lotes: os mais maduros separados dos mais secos. Secar o café até 16% de umidade.

Beneficiado o café, temos o café *bica corrida*, que é ensacado em sacas de 60,5 kg e encaminhado ao rebeneficiamento, quando é separado por cor, tamanho e são tirados os defeitos.



DEFEITOS, TIPOS DO CAFÉ E CAFÉ PURO

Nº de Defeitos	Tipo	Kg em SACA	
		CAFÉ PURO	DEFEITOS
1	1	60	0
4	2	59,79	0,21
12	3	59,38	0,62
26	4	58,66	1,34
46	5	57,63	2,37
86	6	55,56	4,44
160	7	57,74	8,26
360	8	41,42	18,58

Fonte: Agenda do Extensionista Ano Agrícola 94/95 – EMATER MG

CAFÉ

1- 100 litros de café cereja pesando 65 kg produzem 15,5 litros de café despulpado pesando 12 quilos.

2- 100 litros de café coco produzem 40 kg de coco seco. 40 kg de coco seco produzem 20 kg de beneficiado.

3- 60 kg de beneficiado produz 48 kg de café torrado (47 – 50 kg).

4- 48 kg de café torrado produz 48 kg de pó de café.

5- 60 kg de café beneficiado produz 20 kg de café solúvel (19,8 a 22,8 Kg).

6- 1 litro de café beneficiado pesa 650 gramas (580 a 720 g).

7- 60 Kg de café beneficiado produzem 48 – 50kg de pó de café que, moído na hora, produz 6.250 xícaras de café de coador e 11.600 xícaras de café solúvel.

8- 1 kg de café torrado e moído dá 125 xícaras.

9- 1 kg de café cereja pesa de 620 a 650 gramas as quais, depois de secas, murcham 12% do volume e pesam 230/240 gramas.

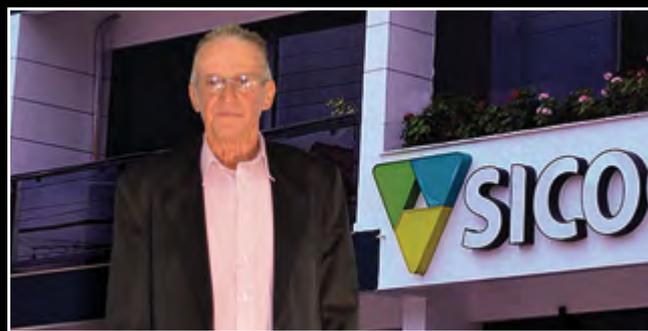
OBSERVAÇÕES SOBRE DATAS E REGISTROS DE ACONTECIMENTOS LIGADOS À NOSSA CIDADE

Foi-nos mencionado, informalmente, que em 1946 teria sido aberta uma sucursal ou representação do Banco de Minas Gerais S/A em nosso meio. Não conseguimos corroborar a informação, uma vez que os arquivos municipais, sejam de Bom Sucesso ou de São Tiago, são precários, senão inexistentes, de paradeiro desconhecido. Pessoas mais velhas informaram-nos que, já em 1952, existia já a mencionada agência, entre nós.

O gerente do Banco de Minas Gerais em São Tiago, inicialmente, foi o sr. João Batista dos Reis. Segundo Castanheira Filho em *História de Bom Sucesso*, a agência do Banco de Minas Gerais S/A, que era de propriedade da família Guimarães, foi inaugurada naquela cidade em 10 de abril de 1938 (*op. cit.* p. 58) Acaso, teria sido estendida uma filial, por volta de 1946, até São Tiago?! Provavelmente sim.

1956 – Início de construção da Capela de Nossa Senhora de Fátima, concluída em 1957, quando do 40º aniversário das aparições de Fátima (Portugal).

“Maldade” ouvida em uma roda: Certas pessoas, por aí, desassossegadas, à base de antidepressivos, com “aquele” aperto, temerosas ante a Operação “Lava Jato” e outras em curso movidas pelo Ministério Público, Polícia Federal e Judiciário que vêm investigando e prendendo políticos e empreiteiros corruptos, que se enriqueceram às custas da pobreza e da humilhação de nosso povo, principalmente em superfaturamento de obras viárias. O medo é de que, se as investigações “descerem” mais, cheguem até nossos rincões...



Sr. MAURICIO ANDRADE

Registramos, com imenso pesar, o falecimento do sr. Maurício Batista de Andrade, no dia 22 de janeiro. Agropecuarista e agroempreendedor por profissão, cidadão atuante e ilibado, pautando toda sua existência pelo trabalho exaustivo, por atitudes inovadoras, dinâmicas e progressistas.

O sr. Mauricio era, ademais, uma liderança pujante, obstinada, porém discreto, um guerreiro silencioso, sempre atuante e apoiador de projetos e iniciativas que gerassem desenvolvimento para a comunidade e região. Sempre ligado aos movimentos associativista, cooperativista e de empreendedorismo, sendo um dos associados fundadores do SICOOB CREDIVERTENTES.

Aos dignos familiares, nossas condolências.

Causos

do Pe. José Duque

HORÁRIO É HORÁRIO

Semana Santa, época de várias celebrações na comunidade paroquial. Sempre vieram padres e religioso de outras cidades para ajudar em São Tiago.

Pe. José Duque convidou sacerdotes religiosos para auxílio nas celebrações da Semana Santa no distrito de São Tiago e na vila de Mercês de Água Limpa. Os religiosos que ficaram em São Tiago resolveram fazer visitas aos paroquianos. Pe. José Duque os advertiu: “Não demorem, porque respeito os horários marcados e, sobretudo, quem chega na hora. Gosto de pontualidade e a freguesia sabe muito bem disso!”

Os padres saíram pelo distrito visitando as residências. Cafezinho com biscoitos, conversa vai, conversa vem... Os religiosos se entreteram com as visitas e o tempo passou. Quando deu fé o sino da Matriz batia, saíram correndo com suas batinas pretas. Quem viu os padres correndo até se assustou.

De longe, os religiosos já avistavam a procissão quase no meio da praça. Ofegantes e muitos preocupados no que diriam ao vigário para se justificar, foram aos poucos chegando... Na virada da esquina da praça, o vigário deu olhada com a cara ruim para os sacerdotes. Os dois tentaram se justificar, mas o vigário só balançou a cabeça e disse: “Horário é horário!”.

VISÃO DO FUTURO

Há muito tempo, pessoas mais velhas da comunidade sustentaram uma fala do Pe. José Duque a respeito do crescimento da cidade. Uma área dela, que o preocupava, envolvia as regiões onde havia fontes e minas d'água. Ele advertia a comunidade que tomasse cuidado nas construções nestes lugares; e já aconselhava que nada fosse construído nas encostas da Praça 31 de março, atual “Vereador Edílson Barbosa”, com início na Rua Joaquim Marques da Silva. Isso porque haveria o risco de desabamento, tendo em vista que a terra (considerada 'terreno argiloso'), não sustentava as casas. O padre ainda se preocupava com outras áreas da cidade que necessitavam de boa estrutura para evitar contratempos.

Credi inaugura 18º Ponto de Atendimento na área central de Belo Horizonte

Chegada à capital integra projeto de expansão da Crediminas e marca história da cooperativa interiorana

O Sicoob Credivertentes já tem agência aberta e em pleno funcionamento na capital mineira, Belo Horizonte. A inauguração do 18º Ponto de Atendimento (PA) do grupo, o segundo em menos de seis meses, aconteceu no dia 19 de janeiro com hall lotado, confraternização, sonhos cooperativistas e equipe engajada atendendo seus associados.

Aliás, foi com ousadia mesclada a determinação e 32 anos de história que a Credivertentes chegou à Rua Espírito Santo, nº1.186.

Lá, oferece gama de produtos e serviços para público potencial de aproximadamente 17 mil pessoas em dez bairros. Um deles a Savassi



FOLIA DE REIS

De origem europeia, festa também é tradicional no Brasil

O dia 6 de janeiro é o Dia dos Três Reis Magos, ou da Folia de Reis. Diz a tradição que, quando os três Reis Magos (Gaspar, Melchior - ou Belchior - e Baltazar) viram a Estrela de Belém no céu, foram ao encontro de Jesus, que havia nascido. Ofereceram ao menino, como presente Ouro, Incenso e Mirra, que simbolizavam a realeza, a divindade e a imortalidade. Segundo a tradição, um era negro, o outro branco e o terceiro moreno, representando toda a humanidade. Muitos países celebram a data e a Folia de Reis é comemorada de modo particular em cada região do Brasil.

Em alguns países europeus, a Festa de Reis é celebrada com mais solenidade que o Natal e os presentes são dados no dia 6



(Folia de Reis de São Tiago-MG – Magos do Oriente)

de janeiro. Nessa data, os magos são colocados no presépio e o menino Jesus na manjedoura é trocado por um maior, que fica no colo da Virgem Maria.

Na Espanha, a data é chamada de Festa de Reis. Na Itália, Festa da Befana (uma velha bruxa que dá presente para as crianças). No Brasil, no Dia de Reis, é costume desfazer as decorações natalinas, guardar os enfeites e desmontar os presépios.

Os festejos de Reis Brasil afora

No Brasil, principalmente no interior, acontecem os chamados Reisados ou Foliás de Reis, festas folclóricas que receberam a influência das origens europeias da celebração, mas que adotaram formas e expressões locais na música, na dança e nas orações, dependendo da região do país.

Uma das festas culturais mais ricas do Folclore nacional, aliás, acontece entre 1º e 6 de janeiro, quando as chamadas "companhias" vão de casa em casa cantar os seus versos acompanhados de violas, violões, sanfonas, pandeiros, triângulos, caixas e instrumentos de corda. Alguns vestem fardas e máscaras. O restante dos componentes usa uniforme, geralmente calças e camisas sociais.

DE PORTA EM PORTA

O embaixador da companhia é responsável pela organização geral e pela bandeira. É ele quem cria, como um repentista, os versos principais, de acordo com a profecia, ou seja, de acordo com as passagens da viagem dos três Reis Magos até Belém, a história de Maria e São José e o nascimento do menino Jesus.

As companhias vão de porta em porta durante os seis dias de festa e, segundo a tradição, os versos só podem ser cantados na casa da pessoa, que deve ter uma imagem do Menino Jesus

na manjedoura ou um presépio.

Aqueles que recebem a visita do Reisado em suas casas (representando a visita dos Reis Magos a Jesus) devem oferecer alguma comida a seus integrantes, que agradecem ao hospedeiro e seguem para o próximo destino. No Dia de Reis, 6 de janeiro, a bandeira retorna à casa do embaixador.

FORTE: UOL EDUCAÇÃO – CULTURA BRASILEIRA



Folia de Reis São Sebastião